

AValiação ENADE E A PROMOÇÃO DA DIVERSIFICAÇÃO DE METODOLOGIAS DE APRENDIZAGEM NA UNISUL: A RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS

Ligia Maria Soufen Tumolo¹
Saionara Oliveira Bello da Silveira²

RESUMO

Este artigo relata como a utilização da Resolução de Problemas em exames nacionais, a exemplo do ENADE, vem promovendo modificações nas estratégias de aprendizagem utilizadas em contextos formativos na graduação de estudantes. Descreve que, ao propor um método ativo de aprendizagem, especialmente pautado na pesquisa, a Resolução de Problemas é promotora do desenvolvimento de competências, e busca explicar como ocorre esse processo. Por fim, discute como as reflexões, os estudos e a utilização da Resolução de Problemas vêm se ampliando na UNISUL.

Palavras-chave: Resolução de Problemas. Competências. Enade

¹ Mestre em Psicologia pela UFSC, especialista em Psicologia pela UNICAMP, graduada em Psicologia pela USP, atua na coordenação do Eixo Avaliação na Pró-Reitoria de Ensino – Unisul. Docente do curso de Psicologia. . E-mail: ligia.tumolo@unisul.br

² Mestre em Educação pela UDESC, graduada em Pedagogia pela UFSM-RS, assistente pedagógica, docente do curso de Pedagogia. . E-mail: saionara.silveira@unisul.br

1 APRESENTAÇÃO

A literatura especializada demonstra que várias Instituições de Educação Superior e vários cursos de graduação e pós-graduação adotam uma organização de ensino baseada na metodologia de Resolução de Problemas.

Em um montante significativo de instituições, a organização curricular transforma-se de modelos disciplinares (baseados em “grades curriculares”) em outras formas de ensino baseadas especialmente em metodologias ativas de aprendizagem, que têm na pesquisa sua atividade essencial, cuja finalidade é o desenvolvimento de habilidades e competências complexas.

A sociedade contemporânea exige cada vez mais sujeitos de atitude, que busquem inovações nas mais diversas áreas de atuação; praticamente não há mais espaço para a passividade, para a falta de iniciativa. Para tanto, é necessário o desenvolvimento de habilidades e competências que permitam aos estudantes, profissionais em formação, lidar com as transformações sociais, culturais, tecnológicas e profissionais que certamente serão exigidas. Demo (1996, p.32), ao escrever acerca da qualidade da educação, afirma que

Enfrentar desafios novos, avaliar os contextos sócio-históricos, filtrar informação, manter-se permanentemente em processo de formação são responsabilidades inalienáveis para quem procura ser sujeito de sua própria história, não massa de manobra para sustentar privilégios alheios.

Na perspectiva da educação voltada à formação de “sujeitos de sua própria história”, apontada por Demo (1996), a Resolução de Problemas pode ser uma possibilidade a mais para alcançar esse objetivo tão almejado nos discursos pedagógicos e ainda um tanto distante das práticas pedagógicas instituídas no cotidiano educativo.

Devido à compreensão de que a Resolução de Problemas pode ser uma estratégia vinculada ao desenvolvimento de habilidades e competências complexas, essa proposta pedagógica vem sendo amplamente utilizada em exames de larga escala, como no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), no Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE) e em concursos públicos, inclusive aqueles que habilitam para o exercício profissional.

Muito se tem falado sobre competências, gostaríamos aqui de tratá-las no sentido dado por Antoni Zabala e Laia Arnau, especialmente ao dizerem que as definições

para competências apresentam múltiplos enfoques socioantropológicos ou filosóficos. Para eles,

As diferentes propostas de competências se correspondem com a ideia de formação integral, posto que abarcam todas as capacidades do ser humano, mas para poder se converter em instrumento de tomada de decisões devem mover-se para as 'realidades' concretas. (ZABALA; ARNAU, 2010, p. 77)

A sociedade, em alguns momentos, parece não muito satisfeita com os profissionais que saem das universidades, são muitas as discussões que propõem diminuir essa distância. Aliada a essa necessidade, nos últimos tempos foi instituído a todas as Instituições de Ensino Superior a participação no ENADE.³

O ENADE é um dos instrumentos de avaliação que compõe o Sistema Nacional de Avaliação na Educação Superior (SINAIS). Este exame afere indiretamente a qualidade dos cursos de graduação, por meio do desempenho dos estudantes.⁴ O referido exame é composto por três instrumentos: a prova, o questionário do estudante e o questionário do coordenador. Para efeitos do presente artigo, serão descritos a composição e os objetivos apenas da prova. Pois somente na prova, nas duas partes que a compõem, Formação Geral e Conteúdos Específicos⁵, é que são avaliadas as competências dos estudantes em resolver problemas e desta aferição ocorre um número bastante expressivo de questões.⁶

A prova é o instrumento do ENADE que objetiva avaliar o desempenho dos estudantes com relação aos conteúdos programáticos previstos nas diretrizes curriculares dos cursos de graduação; ao desenvolvimento de competências e habilidades necessárias ao

³ O Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes – ENADE é realizado anualmente e se repete para a mesma área a cada três anos. Sua condução é de responsabilidade do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), autarquia do Ministério da Educação, sob a Supervisão da Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior (CONAES).

⁴ O Enade é aplicado a uma amostragem de estudantes que são subdivididos em duas categorias, ingressantes e concluintes, da seguinte forma: para Bacharelados e Licenciatura, ingressantes: 7 a 22% (da carga horária) e concluintes: 80% (da carga horária) e formandos no ano letivo. Para Tecnólogos: ingressantes: 7 a 25% (da carga horária) e concluintes: 75% (da carga horária) e formandos no ano letivo.

⁵ A parte de Formação Geral é composta de 21 temas que envolvem assuntos de relevância social sob perspectivas históricas e da contemporaneidade, enfocando aspectos das relações em sociedade; cultura; artes; desenvolvimento, política, entre outros. Envolvem o pensar sociológico, filosófico e científico. A parte de conteúdos específicos contempla àquelas competências previstas nas Diretrizes Curriculares.

⁶ O questionário do estudante é o instrumento que objetiva traçar o perfil dos estudantes, ingressantes e concluintes, dos cursos de graduação do país; conhecer a opinião dos estudantes sobre o ambiente acadêmico em que realizam a sua formação e consolidar informações para promover a melhoria das condições de ensino e dos procedimentos didático-pedagógicos. O questionário do coordenador tem o objetivo de reunir informações que contribuam para a definição do perfil do curso. Investiga a percepção do coordenador sobre aspectos pedagógicos e estruturais de seu curso.

aprofundamento da formação geral e profissional e ao nível de atualização dos estudantes com referência à realidade brasileira e mundial.

A participação da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL) no ENADE tem provocado sérias e profundas discussões de diferentes ordens, dentre elas a que perpassa por questões pedagógicas. Análises criteriosas são tecidas no sentido de (re) conhecer práticas pedagógicas instituídas na universidade. O ENADE tem evidenciado uma forma de avaliar que vem provocando, na maioria dos cursos, uma revisão metodológica.

Essa constatação impõe necessariamente alguns questionamentos: é possível a utilização da Resolução de Problemas mesmo em currículos “disciplinares” como os da Unisul? Essa reflexão nos leva a um importante questionamento: Como é possível potencializar a Resolução de Problemas como estratégia de ensino e de aprendizagem?

Ainda não temos respostas a estas indagações, o que temos são alguns indicadores e trajetórias ainda em construção. Na tentativa de apontar possíveis respostas ou indicar possíveis caminhos a ser construídos, propomos algumas reflexões acerca da Resolução de Problemas.

2 O CONTEXTO DA RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS NO PROCESSO DE ENSINAR E APRENDER

A fim de contextualizar a estratégia ora apresentada, parece ser relevante situar historicamente a proposta de ensinar e aprender por meio dessa estratégia que surgiu em meados de 1960 no Canadá, como uma proposta alternativa aos modelos educacionais tradicionais.

A utilização da Resolução de Problemas foi, inicialmente, um movimento de reforma educacional que ocorreu na formação de estudantes das áreas médicas. Hoje é utilizado em muitas outras áreas de formação profissional, com destaque para áreas de gestão. Acerca do envolvimento dos estudantes com essa proposta pode-se dizer que

A Resolução de Problemas não é a solução para todos os problemas educacionais; entretanto, pode ser uma ferramenta poderosa para permitir que os estudantes se apropriem de habilidades para resolver problemas de forma colaborativa. Habilidades essas que serão requeridas no contexto profissional. (KANTER, 1998, p. 391 *apud* BAPTISTE, 2003, traduzido por Ligia Tumolo)

A Resolução de Problemas é uma estratégia de ensino e de aprendizagem que consiste em apresentar um cenário em que uma ou várias situações problemas devem

ser identificadas; consiste também na aplicação de conteúdos científicos que atua de forma a permitir à resolução do problema e/ou a integração das questões-problemas identificadas.

Neste sentido, a aprendizagem do conteúdo científico funciona como meio e não como fim; assim como possibilita integrar as demandas sociais, considerando o campo de atuação profissional associado às necessidades das organizações de trabalho com o desenvolvimento profissional.

O trabalho planejado a partir da Resolução de Problemas enfatiza o desenvolvimento da autonomia dos estudantes e, para tanto, a ênfase recai sobre o aprendizado auto-dirigido (*self directed journey*), essencialmente desenvolvido por meio de atividades de pesquisa.

O professor atua como um facilitador, um mediador entre os saberes e os não-saberes a serem conquistados. É de sua responsabilidade promover a discussão dos estudantes, conduzindo-a sempre que necessário e indicando os recursos didáticos ou caminhos a serem trilhados mais adequados para a resolução de cada situação, no sentido de provocá-los a pensarem, a criarem e a testarem suas hipóteses com vistas a gerarem seus próprios conhecimentos.

Dessa forma, o conhecimento precisa ser pensado e planejado a partir de outras possibilidades de ensino e de aprendizagem, não mais apenas na transmissão do mesmo. Para que o estudante se torne sujeito do seu processo de aprendizagem parece ser necessário apresentar os conhecimentos a serem trabalhados de forma mais provocativa e mais desestabilizadora.

A princípio essa idéia pode trazer certo desconforto, pois tiram de nós, professores, a estabilidade de planejamentos já testados em diferentes espaços de aprendizagem. Pode também gerar certo desconforto aos estudantes que, muitas vezes, estão habituados a encontrar as respostas desejadas em lugares previamente determinados.

Porém, é incontestável a velocidade com que as informações e as relações sociais de um modo geral se colocam na realidade. Parece ser essa uma das características mais marcantes da contemporaneidade. A educação não está fora desse contexto; a sensação é a de que se não for proposto possibilidades mais condizentes com o contexto no qual estamos inseridos, os professores ficarão cada vez mais a fazer de conta que ensinam e estudantes a fazer de conta que aprendem.

A estratégia de Resolução de Problemas pode não ser a panacéia da educação, mas pode ser um encaminhamento mais próximo do cotidiano de jovens que são cada vez mais protagonistas de suas histórias.

Para tanto, situações problemas são apresentadas contextualizadas em um cenário de aprendizagem, considerando o nível de conhecimentos prévios dos estudantes e o nível de desenvolvimento dos conteúdos, habilidades e competências que se intenciona promover.

Resolver situações problemas exige o desenvolvimento de competências e nos remete a uma complexidade maior de conteúdos e conhecimentos a serem trabalhados e para isso não há uma regra a ser seguida. Afinal de contas “[...] não existe uma metodologia própria para o ensino de competências, mas condições gerais sobre como devem ser as estratégias metodológicas, entre as quais vale destacar a de que todas devem ter um **enfoque globalizador**. (ZABALA; ARNAU, 2010, p. 14; grifos dos autores)

Obviamente que essa busca exige um trabalho de equipe rigoroso, inicialmente é necessário identificar os temas e conceitos envolvidos no cenário ou na situação problema, e que são pertinentes à área de formação. Com os temas e conceitos identificados, parte-se para a discussão de temas e conceitos desconhecidos e que serão potenciais para aprendizagem. É preciso então, organizá-los e levantar questões de forma lógica a fim de facilitar a discussão das hipóteses iniciais.

Com esse levantamento prévio, a etapa seguinte é discutir e elaborar o planejamento, cronograma de ações, o método de estudos e pesquisas para lidar com as questões escolhidas. Logo após, é preciso selecionar as estratégias e recursos a serem utilizados a fim de encontrar soluções para os problemas levantados.

Essa estratégia de trabalho coletivo evidencia a participação de todos os envolvidos, portanto é recomendado certificar-se de que todos os membros do grupo de estudantes entenderam as regras e questões a serem trabalhadas, pois só assim será realizado o diagnóstico da situação e a realização das atividades pensadas e planejadas.

O professor precisa estar muito atento aos movimentos do grupo, pois é de sua responsabilidade dar dicas e orientar constantemente os estudantes. O contexto da aprendizagem deve ser propício à participação ativa e crítica do estudante diante da problemática apresentada, lembrando sempre que o contexto de aprendizagem deve estimular a cooperação no lugar da competição.

A avaliação deve ser realizada processualmente por meio de permanente *feedback* por parte do professor e o estudante precisa ser provocado a realizar auto-avaliações constantes sobre o seu aprendizado a partir de critérios previamente definidos. O profissional seja qual for sua área de atuação e diante de situações diversas, precisa fazer relações, interpretações, inferências, transferências e avaliações. Portanto, trabalhar neste sentido exige, no dizer de Perrenoud (1993,p.180), transformar consideravelmente as regras do jogo dentro da sala de aula.

Muito além de um facilitador, o professor é aquele quem domina determinados conhecimentos e informações, portanto cabe ao professor definir previamente a finalidade (objetivos) de aprendizagem que deverão ser atingidos a partir do cenário apresentado (funcionalidade que a disciplina ou módulo possui na formação do estudante). Deve ainda realizar encontros colaborativos com estudantes e quem mais for necessário para propiciar trocas de experiências, orientações adicionais, indicação de referências e recursos.

Essa é uma estratégia de ensino que envolve parceria baseada na compreensão de que o processo de formação é um sistema integrado constituído tanto pelos professores quanto pelos estudantes. Envolve também honestidade e abertura, assim como consciência por parte dos estudantes acerca dos conhecimentos, habilidades e competências que eles precisam desenvolver para se tornar os profissionais que desejam ser. É necessário ter ciência dos objetivos de aprendizagem subjacentes ao problema apresentado; ter clareza das ações que necessitam desenvolver para aprender; realizar auto-avaliação constante. Respeito faz parte das relações estabelecidas entre professores e estudantes manifestos pelas atitudes de pontualidade, atenção constante, elaboração de questões pertinentes e engajamento com o processo de aprendizagem.

Visto dessa forma, parece evidente a percepção de que algumas coisas mudam ao se trabalhar com a Resolução de Problemas. São necessários outros encaminhamentos, outros planejamentos, outros objetivos, outras posturas, outros olhares, de todos os envolvidos no processo de ensinar e aprender, o que não deixa de ser um grande desafio. Entretanto, parece que o desafio maior reside no questionamento colocado no início desse artigo. É possível a utilização da Resolução de Problemas mesmo em currículos “disciplinares”, como os da UNISUL?

3 ANTIGAS RESISTÊNCIAS E OUTRAS PERSPECTIVAS: DISCIPLINAS E RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS NO ENSINO SUPERIOR

As disciplinas podem provocar certo engessamento das práticas pedagógicas. O que não significa dizer que não existam belos trabalhos realizados nessa perspectiva, apenas que se correm riscos maiores de tornar o ensino e a aprendizagem algo menos sedutor, com menos movimento e, dessa forma, menos eficaz. Como a Resolução de Problemas trabalha necessariamente com situações problemas há uma necessidade maior de envolvimento, de busca, de desacomodação, pois o ofício dos estudantes não será apenas o de dar respostas. Muitas vezes serão suas responsabilidades fazer outras tantas perguntas que os indiquem percursos a serem construídos na busca de possíveis soluções.

Zabala costuma afirmar que as disciplinas não são suficientes para ensinar e aprender competências. Para ele “alguns conteúdos têm procedimentos claramente disciplinares, outros dependem de uma ou mais disciplinas (interdisciplinares) e outros não estão sustentados por nenhuma disciplina acadêmica (metadisciplina)”. (ZABALA; ARNAU, 2010, p.120)

Se no decorrer deste artigo já colocamos que a Resolução de Problemas não é a panacéia da educação e que as disciplinas podem engessar e transformar o ensino e a aprendizagem distantes da realidade e do contexto nos quais os estudantes (e professores também) estão inseridos, qual o caminho a percorrer?

Já dizia o poeta que o caminho se faz ao caminhar. E nesse caminho o professor assume papel preponderante, inicialmente é ele quem vai decidir o que vai fazer com os conhecimentos organizados por meio de disciplinas, ele é o autor do seu planejamento. Ele pode muito bem buscar conteúdos que lhe permitam trabalhar com a Resolução de Problemas, para tanto é preciso de atitude e sabedoria de que vai, em algum momento ou na maioria das vezes, necessariamente precisar de outros conteúdos, outros conhecimentos, outros saberes, outros parceiros, outros professores; sem perder de vista que a finalidade maior são as competências e atitudes que os estudantes precisam se apropriar a fim de serem incluídos social e profissionalmente. Competências, conforme aponta Zabala (2010), nas dimensões social, interpessoal, pessoal e profissional.

Mais do que nunca os professores precisam estar atentos às transformações sociais, assim como à velocidade em que as mesmas acontecem, pois não parece mais ser

possível desconectar por completo a realidade social da realidade das salas de aulas, é necessário diminuir distâncias; há casos em que parece que as instituições de ensino são analógicas enquanto lidam com estudantes que vivem num mundo digital.

Buscar qualificar o ensino e a aprendizagem faz parte das discussões e reflexões acadêmicas, a estratégia de Resolução de Problemas tem propiciado diminuir distâncias entre o mundo acadêmico e o universo dos estudantes, justamente por ser uma possibilidade de fugir do engessamento provocado pelo ensino por meio de disciplina; tem sido uma tentativa de romper barreiras e tirar os estudantes da passividade de aulas que privilegiam a memorização. Entretanto, não se pode esquecer que outra discussão ainda maior invade os espaços de aprendizagem das instituições de ensino superior.

Discussão esta que trata da reformulação do ensino superior brasileiro a fim de acompanhar as mudanças da sociedade correspondentes à profissionalização e às novas tecnologias, que cada vez mais provocam mudanças significativas no perfil e vida dos estudantes, dos professores e do próprio mercado educacional, conforme notícia publicada na Revista Ensino Superior, nº 145, outubro de 2010.

Atenção deve ser redobrada por parte dos professores e gestores educacionais, afinal de contas não podemos perder de vista que as discussões e propostas de acompanhar as transformações sociais e de mercado não deixem de colocar em lugar de destaque questões pedagógicas envolvidas e determinantes no processo de reestruturação do ensino superior.

De uma forma geral, as instituições de ensino superior se encontram diante de uma crise que alguns autores nomeiam de crise dos referentes tradicionais. Diante das mudanças sociais, econômicas, culturais e tecnológicas, as universidades sentem a necessidade de rever sua estrutura e todo seu funcionamento. Alguns teóricos apontam que o modelo de ensino pautado no método disciplinar não corresponde mais às expectativas da sociedade. Surge então a proposta de ensino sustentada no desenvolvimento de competências.

A ascensão de um ensino baseado no desenvolvimento de competências vem motivada pela crise de pelo menos três fatores: em primeiro lugar, as mudanças na própria universidade, instituição que, apesar de pouco dada a inovações, a partir da necessidade de convergência européia, está se replanejando profundamente, tanto sua estrutura quanto seus conteúdos [...] Em segundo lugar, a maior pressão social sobre a necessária funcionalidade das aprendizagens força a introdução das competências [...] o terceiro fator é o determinante e, para nós, o que verdadeiramente agrupa as necessidades da sociedade e, portanto do sistema

educacional. Estamos nos referindo à função social do ensino. (ZABALA; ARNAU, 2010, p. 21-22)

Isso significa dizer que muito além de conteúdos, é preciso desenvolver competências em todas suas dimensões, ou seja, é indispensável pensar o desenvolvimento pessoal, interpessoal, social e profissional e, dessa forma, transcender a mera transmissão de conhecimentos.

A UNISUL tem provocado entre seus pares discussões e estudos aprofundados no sentido de buscar meios mais apropriados para a construção ou a aplicação de metodologias cuja finalidade seja a de contribuir definitivamente para o pleno desenvolvimento dos sujeitos em todas as suas dimensões.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desafio está lançado. Parece não haver muito tempo e nem espaço para a continuidade de um ensino linear com forte ênfase na memorização. As relações estabelecidas entre as pessoas e entre as pessoas e os conhecimentos exigem a busca de outras formas de ensinar já que os jovens encontraram outras formas de aprender.

Não basta mais uma sala de aula composta por um professor e vários estudantes sentados esperando que o docente transmita determinados saberes. A vida pulsa dentro e fora das salas de aulas e por isso o olhar pedagógico precisa ser cuidadoso ao pensar o ensino somente por meio de disciplinas.

É fundamental oferecer oportunidades aos estudantes de observar, buscar, levantar e testar diferentes hipóteses, fazer registros, propor respostas, indicar percursos. Dessa forma, a construção do pensamento crítico e autônomo pode contribuir para torná-los aptos a enfrentar com determinação os desafios da realidade na qual estão inseridos.

A Resolução de Problemas se configura em uma possibilidade viável para se pensar o processo de ensino e aprendizagem a partir de outras perspectivas, fundamentadas especialmente em atividades de pesquisa.

A Unisul, atenta e aberta a esses processos, vem ampliando e qualificando significativamente o debate sobre essas novas perspectivas em eventos de formação docente, nos contextos de ensino e de aprendizagem e em fóruns de reflexão, discussão e

disseminação de conhecimentos. Vislumbra-se também toda uma reestruturação da organização acadêmica de forma a contemplar métodos inovadores de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BAPTISTE, S. *Problem-Based Learning. A Self-Direct Journey*. Slack Incorporate, USA, 2003.

BRASIL. Lei nº 10.861, de 14 de abril de 2004. Institui o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior - SINAES e dá outras providências. Brasília, DF, 2004.

DEMO, P. **Educação e qualidade**. Campinas: Papyrus, 1996.

LESZCZYNSKI, Luciene. O futuro começa hoje. **Revista Ensino Superior**, São Paulo, ano 13; n. 145,, p.24-26, Out. 2010.

MEC-SINAES, **Sistema Nacional de Educação Superior**: da concepção à regulamentação/INEP. 5. ed. rev. e ampl. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2009.

PERRENOUD. P. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

ZABALA, Antoni; ARNAU, Laia. **Como aprender e ensinar competências**. Porto Alegre: Artmed, 2010.